



# IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA

## IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica

Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011

ISBN 978-972-8932-88-6

**Filomena Monteiro** - fmonteiro@cm-evora.pt

(arquitecta)

Câmara Municipal de Évora / Departamento do Centro Histórico,  
Património e Cultura

**Convento de Nossa Senhora dos Remédios – interpretação dos antigos espaços cenobitas através de cartografia e iconografia histórica.**

**"Convent of Nossa Senhora dos Remédios (Our Lady of Good Remedy) - interpretation of ancient coenobitic places through cartography and historical iconography."**

**Resumo:** Tendo como ponto de partida uma planta do antigo cenóbio eborense, pretende-se a identificação dos anteriores espaços "regulares" e correspondência com a actual construção e respectiva utilização.

**Summary:** "Starting with a plan of the ancient coenobitic monastery in Évora, we seek to identify earlier "regular" places and its correspondence with the present structure and respective use."

**Palavras-chave:** Convento dos Remédios, espaços conventuais, reutilização.

**Keywords:** "Convent of Remédios, conventual spaces, reuses."

### Introdução

O antigo convento de Nossa Senhora dos Remédios, local hoje institucionalmente designado por Convento dos Remédios, foi casa religiosa fundada por iniciativa do então bispo de Évora, D. Teotónio de Bragança,

remetendo a sagração da igreja cenobita ao ano de 1614, data essa aliás inscrita no florão existente na nave central desse templo<sup>1</sup>.

Este novo complexo cenobita, integrando a então já reformada Ordem dos Carmelitas, regia-se por regra austera que obrigava a pobreza e despojamento rigorosos. O carisma contemplativo e apostólico das comunidades de Carmelitas Descalços inspirava-se na acção de Jesus “*ora orando isolado no deserto, ora em piedosa intervenção quando no meio da multidão*”. Note-se que o isolamento e a fraternidade inerentes a este modo de vida requeriam necessariamente comunidades compostas por um número reduzido de frades, vivendo com algum isolamento, mas também na proximidade de meio urbano.

Durante os 219 anos de vida religiosa, esta casa eborense, chegou contudo a albergar comunidades compostas por um número elevado de frades e conversos os quais, considerando a génese da Ordem a que estavam sujeitos, exerceram inúmeras vezes uma influência benéfica e directa sobre a comunidade civil local<sup>2</sup>.

A nível de evangelização de novos territórios a acção dos frades deste convento foi igualmente marcante sendo exemplo incontornável a fundação, em Salvador da Bahia no Brasil, do cenóbio de Santa Teresinha, construção muito idêntica à eborense, local da casa-mãe dos seus fundadores<sup>3</sup>.

## **Localização**

Situando-se no exterior da muralha medieva, em área imediatamente anexa à porta de Alconchel, à época principal ligação da cidade com o exterior, era local privilegiado de circulação de pessoas e bens (Figs. 1 e 2). A abundância de água e os férteis terrenos que caracterizavam a zona garantiam uma eficaz higienização dos espaços habitados pelos frades<sup>4</sup> assim como um abastecimento com víveres da comunidade religiosa (Fig. 3).

Sem condicionamentos topográficos ou hidrográficos, o convento foi projectado e construído de raiz segundo as normas inerentes ao desenrolar da vida “*regular*” numa casa religiosa masculina. No entanto já assumiria

---

<sup>1</sup> Tal fundação não foi contudo pacífica por parte da comunidade eborense de Carmelitas que habitara até então pequeno e humilde conjunto edificado situado ao fundo da Rua do Raimundo, em Évora. O novo local, bem próximo do primitivo, tinha a desvantagem da notoriedade do promotor da construção e de se situar no exterior do núcleo urbano amuralhado. O facto de, à época, o trono de Portugal estar ocupado por monarca espanhol representava certamente uma instabilidade que poderia ter, embora em parte, contribuído para as várias recusas dessa comunidade de religiosos, em se mudar para o novo local. A sua instalação no referido espaço exterior às muralhas foi conturbada, e só concretizada através de fortes pressões, quer da Igreja, quer da respectiva Ordem a que pertenciam. No ano de 1606, contudo a comunidade habitava já as novas dependências, que lhe eram destinadas, e que se haviam concluído. Quanto à igreja do convento foi sagrada oito anos após esta forçada mudança dos frades. Cento e treze anos após a instalação desses religiosos é projectada, e aprovada pela Ordem, a planta que serviu de base ao presente estudo.

<sup>2</sup> O grande número de fragmentos de “*ossos de santos*” integrados em conjuntos de relicários de dimensões assinaláveis, garantia uma devoção ao local e uma afluência regular ao convento por parte da população civil. A prática da caridade, por parte dos frades, cativava por sua vez mais eficazmente as camadas mais desfavorecidas da população. Contudo constituem ainda hoje peças singulares os conjuntos de relicários situados nos altares de duas das capelas laterais da igreja, assim como na magnífica sacristia.

<sup>3</sup> Aí o complexo cenobita localizou-se sobranceiro ao mar, e fora do núcleo urbano amuralhado, embora muito próximo deste. A semelhança entre as fachadas das igrejas e dos claustros destes dois conventos masculinos são notórias, embora em locais tão distanciados entre si.

<sup>4</sup> A cozinha, lavabo e latrina eram zonas abastecidas por água proveniente da cisterna, actualmente ainda existente no claustro, assim como de nascente situada próxima, e cuja água era canalizada até ao convento sobre arcaria. Actualmente a área continua a ser bastante abundante em água, a nível do subsolo.

contudo o novo conjunto edificado um paralelismo de implantação relativamente à torre defensiva da porta medieva de Alconchel situada muito próxima<sup>5</sup>.

### **Projecto**

Possui a igreja orientação Sudeste/Noroeste desenvolvendo-se o claustro para Sudoeste, rodeando-se este com os compartimentos necessários à vida da comunidade religiosa aí residente. A Sudeste do claustro localizava-se a ala dos frades, onde se situava a sala do Capítulo, refeitório e escada “regular” de acesso ao dormitório, este subdividido em celas<sup>6</sup>. A ala Sudoeste do claustro integrava o indispensável calefactório<sup>7</sup>, anexo à sala dos frades, refeitório e cozinha. A Noroeste, a ala da leitura, correspondente à galeria claustral que ligava directamente com a igreja. A ala dos “moços”, situada a Noroeste do claustro, onde se localizava portaria, sala de “aula”, hospedaria, enfermaria, refeitório, escada de acesso ao dormitório e dependências para armazenamento de víveres, como por exemplo certamente os cereais, vinho e azeite. No tardo do altar-mor da igreja, e no prolongamento da ala claustral dos frades, situa-se a sacristia assim como capela mortuária de um dos benfeitores da casa, compartimento este ainda conservado na íntegra.

A cerca conventual envolvia o conjunto edificado pelos lados Sudoeste e Sueste possuindo as ligações com o espaço público, voltadas a Noroeste, local por onde passava o principal eixo de acesso à cidade amuralhada.

Entre 1614 e 1833 este conjunto cenobita desempenhou ininterruptamente a sua função de casa religiosa masculina. Durante estes mais de dois séculos o edifício sofreu alterações de vulto de acordo com as necessidades da comunidade que à data aí se albergava, contudo a austeridade inerente aos ideais da Ordem está patente na linearidade e rigor de formas assim como simplicidade de materiais.

Uma das diversas alterações que foram realizadas durante esse período, e resultante da necessidade de dar resposta a novos programas ocupacionais, encontra-se documentada através de planta referente ao piso superior do complexo edificado, então existente. A elaboração de tal projecto teve como objectivo a construção de um novo dormitório no referido piso, deduzindo-se daí ter passado a existir um maior número de frades nesta comunidade (Fig. 3).

A legendagem que acompanha a referida planta é explícita relativamente, quer aos compartimentos já existentes quer aos propostos para esse piso. O teor do texto é o seguinte, agora transcrito em caligrafia actualizada:

---

5 Nesta data já era permitido a igrejas e ermidas possuírem orientação diferenciada da Nascente/Poente sempre que tal fosse mais favorável à implantação e desenvolvimento posterior do conjunto a edificar, ou devido ao condicionamento urbano à época já acentuado no interior dos núcleos urbanos.

6 As celas eram divididas por frágeis paredes em tabique, quase em ruínas quando da elaboração do projecto de remodelação de 1978.

7 Os Invernos rigorosos, embora secos, assim como a idade avançada de alguns dos frades tornavam tal compartimento essencial, não só para um maior conforto da comunidade cenobita, mas também, para uma melhor saúde desta. Não esqueçamos contudo também que à época o aquecimento, assim como a confecção de alimentos se faziam através do fogo que, para uma maior segurança, era limitada a sua utilização a compartimentos específicos: calefactório e cozinha. No projecto de 1719, para a cela maior então já existente, foi proposta a construção uma chaminé (designada a cela com a letra E) garantindo assim um conforto elevado ao espaço.

*“Planta alta para o dormitório que se determina fazer no Convento de Carmelitas Descalços de Nossa Senhora dos Remédios de Évora Cidade, a qual planta mostra todo o Convento que caminha ao nível da caza que já está feita e serve há muitos anos. – Fr. Pedro da Conceição Carmelita Descalço.”*

**Letra A** – Arco que se há-de fazer à porta dos moços, junto da Hospedaria que por cima dela vai à escada que sobe ao quarto.

**Letra B** – Entrada da escada da hospedaria que já está feita.

**Letra C** – Patim donde está a porta da hospedaria e começo da escada nova que vai por cima do arco nomeado.

**Letra D** – Porta do cimo da escada que entra na primeira cela.

**Letra E** – Cela maior que as outras, e nela se fará uma chaminé.

**Letra F** – Telhado da varanda.

**Letra G** – Escada regral que desce ao quarto debaixo.

**Letra H** – Escada da Aula que já está feita.

**Letra I** – Escada da Tribuna.

**Letra L** – Escada que desce ao De Profundis do Coro, que se fará por uma cazinha que hoje está no dito De Profundis.

**Letra M** – Telhado De Profundis do Coro, e também riscado vai o telhado do claustro; porém ainda fica por baixo das janelas do quarto de baixo que já está feito. Tudo o mais se nomeia em seu lugar.

O **Número 2** corresponde às celas;

O **Número 3** é a porta de serventia para o telhado da capela-mor.”

A planta integra ainda outras legendagens, por ela dispersas, permitindo uma mais fácil actual correspondência e identificação dos espaços (Fig. 4):

*“Vão da Igreja; vão do saguão do alpendre; oratório sobre a portaria; vão do pátio dos moços; vão da hospedaria; vão do claustro, cazas para as fructas; caza da Aula; telhado do dormitório detraz da capela-mor e da Livraria.”*

O deferimento do proposto na planta em questão consta igualmente na peça, assim como o nome do responsável por tal acto decisório:

*Aprovada com consentimento dos quatros padres ministros.*

*Carnide, 9 de Fevereiro de 1719.*

*Fr. António de Santo Eliseu, Comissário geral.”*

## **Remodelação**

Hoje, passados 178 anos sobre a sua desocupação pelos frades carmelitas, e após profundas obras de remodelação promovidas pela Câmara Municipal de Évora durante as últimas três décadas, as mais significativas da autoria do arquitecto Vítor Figueiredo (Fig. 5), o espaço da igreja é utilizado regularmente para a realização de recitais e aulas diversas de música clássica e canto (Figs. 6 e 7), na antiga ala dos frades a capela mortuária é ocupada por gabinete, a sacristia é local de aulas regulares de música, a sala do capítulo foi transformada em oficina de conservação e restauro mantendo o refeitório as anteriores funções agora com diferentes utentes<sup>8</sup>. As alas Sudoeste e dos “moços” estão totalmente reestruturadas sendo hoje ampla galeria de exposições. Das anteriores funcionalidades restam a portaria, que se mantém, e parte do antigo pátio dos “moços”, hoje mais conhecido por pátio das romãzeiras (Fig. 8 e 9). O andar superior antigamente ocupado essencialmente pelas celas e áreas afins, foi totalmente remodelado aí existindo hoje amplas naves destinadas a exposições e actividades complementares, como teatro, cinema, palestras e espaços de desenho e leitura (Figs. 10 e 11). Quanto à primitiva sala da “aula” do convento permaneceu em parte, tanto a nível formal como funcional (Fig. 12). A ala da leitura mantém o belíssimo enquadramento do claustro, actualmente depurado de ornamentações, e onde se realizam regularmente recitais de música e canto (Figs. 13 e 14).

A ampla cerca, também cedida pela Fazenda Pública à Câmara Municipal de Évora em 1839, foi no ano seguinte reutilizada como cemitério, tendo sido progressivamente ampliada com terrenos circundantes. Quanto aos serviços necessários à sua manutenção encontram-se igualmente instalados no actual conjunto edificado. Todo o conjunto, embora subdividido funcional e institucionalmente, continua contudo a constituir-se como um conjunto coeso (Figs. 15 e 16).

### **Considerações finais**

Do exposto torna-se clara a importância que a cartografia, assim como iconografia histórica, podem desempenhar na compreensão de um espaço, quer a nível paisagístico, quer arquitectónico. Tal entendimento é seguramente essencial para a realização de qualquer proposta de intervenção, por mais singela que esta seja. Considerando que, sempre que possível, as características de um espaço deverão ser preservadas, independentemente dos programas demasiadas vezes incompatíveis com as situações à data existentes, esses estudos tornam-se primordiais para a elaboração de programas sensatos e respeitadores do património que ainda subsiste e que é imprescindível preservar adequadamente.

### **Siglas**

A.F. – Arquivo Fotográfico.

C.M.E. – Câmara Municipal de Évora.

N.D. – Núcleo de Documentação.

---

<sup>8</sup> Todo o pessoal que trabalha neste antigo espaço conventual, hoje na íntegra propriedade do município dispõe deste compartimento para refeições.

SPPC – Sociedade para a Preservação do Património Construído

UE – Universidade de Évora

### **Bibliografia**

DUCHET-SUCHAUX, Gaston, DUCHET-SUCHAUX, Monique. Les ordres religieux, guide historique. Paris: Flammarion, 1993, 2000.

ESPANCA, Túlio. Inventário Artístico de Portugal, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966.

FIGUEIREDO, Vítor. Projecto de Recuperação e Restauro Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Remédios – Memória Descritiva. Lisboa: Vítor Figueiredo – Gabinete de Arquitectura, Lda., 1978.

JORGE, Virgolino Ferreira. Cultura e Património. Lisboa: Edições Colibri, 2005.

JORGE, Virgolino Ferreira. Conservação do Património e Política Cultural Portuguesa. Évora: Universidade de Évora, 1993.

LESEGRETAIN, Claire. Les grands ordres religieux, hier et aujourd'hui. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1990.

Sociedade para a Preservação do Património Construído. Que utilização para o Património construído?. Évora: Sociedade para a Preservação do Património Construído, 1996.



**Fig. 1 – Península Ibérica. Mapa do século XVIII, gravado em cobre e pintado à mão. Localização da cidade de Évora.**



Fig. 2 – Évora. Iluminura do segundo foral da cidade datado de 1505. Vista poente vendo-se em primeiro plano a área onde viria a ser edificado o convento de Nossa Senhora dos Remédios. Doc.: C.M.E..

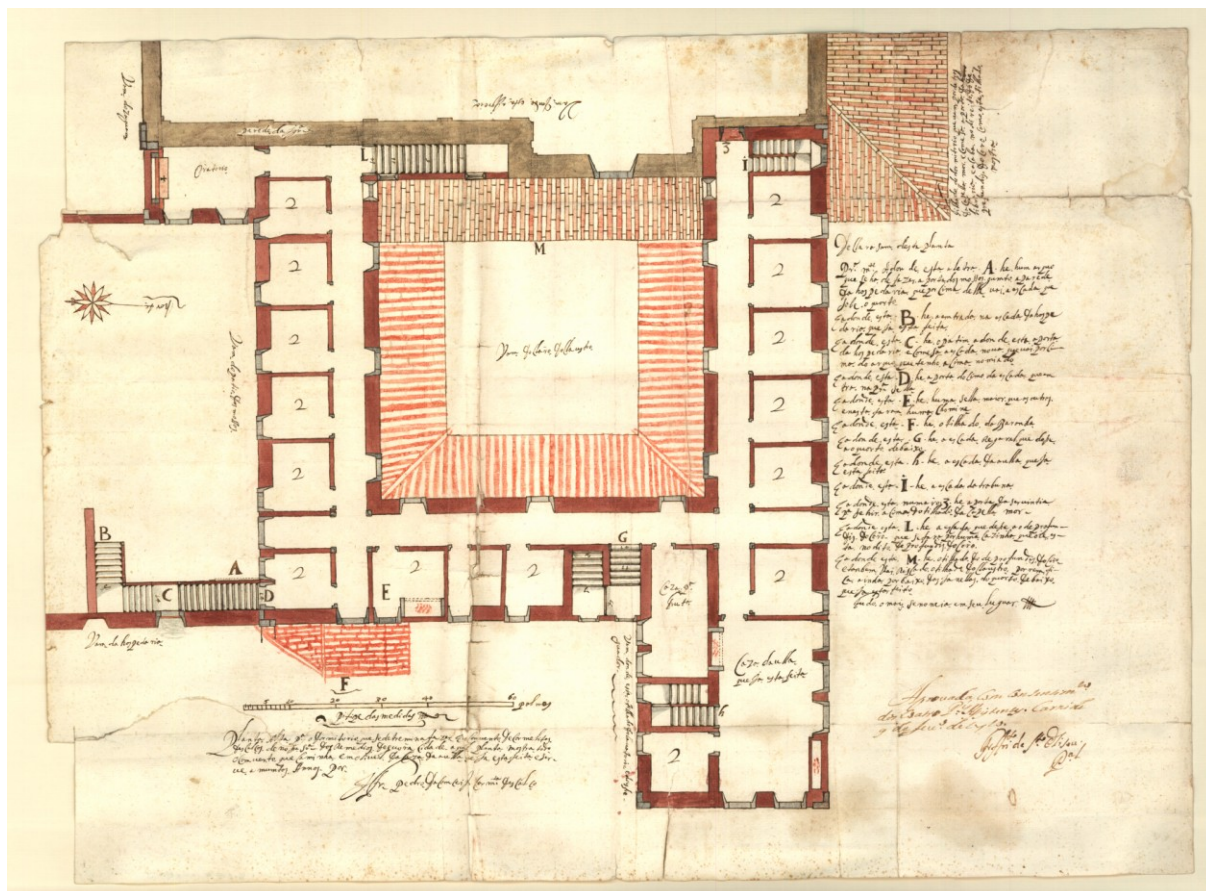


Fig. 3 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Planta de trabalho datada de 1719 e representando projecto para a ampliação da área de construção então existente no piso superior do edifício. Doc.: ND/C.M.E.

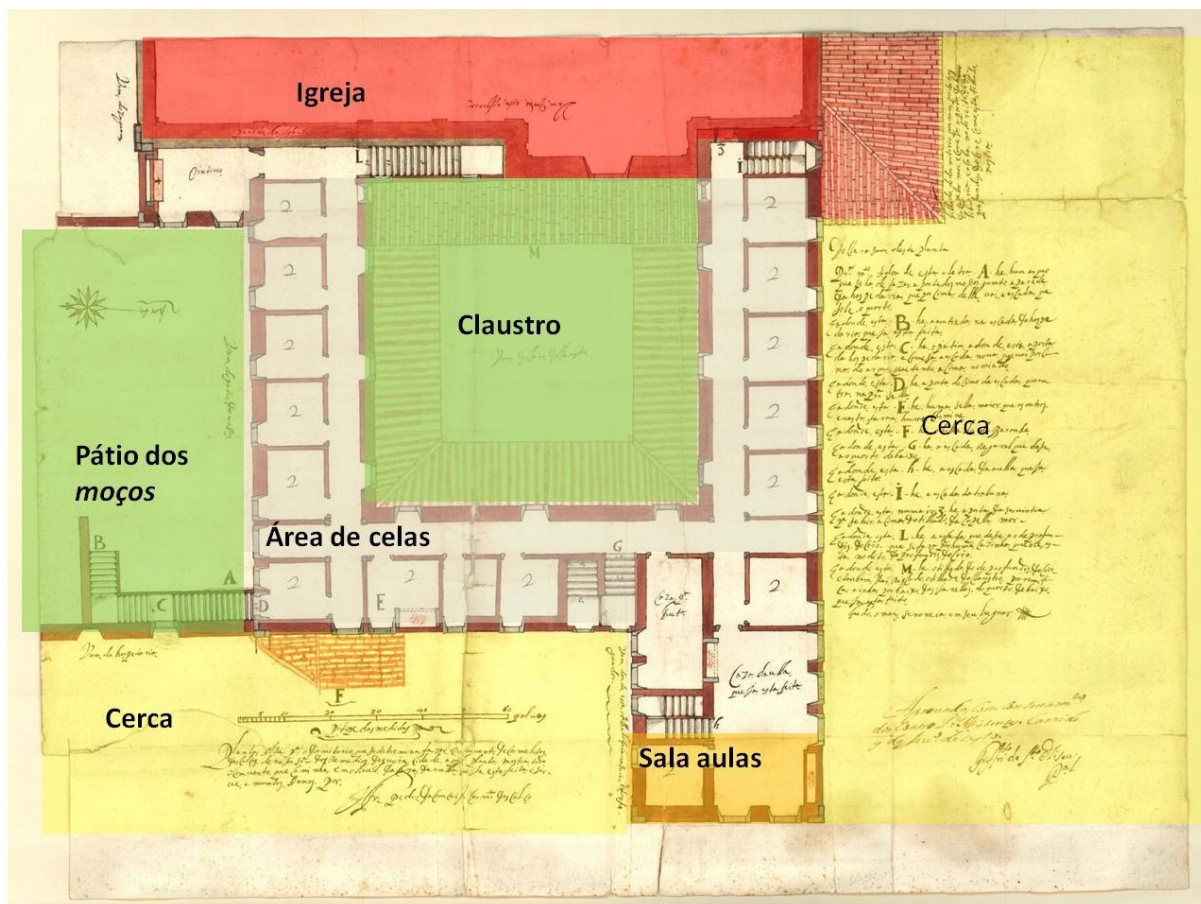


Fig. 4 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Sobre planta de 1719 reconstrução de zonamento por actividades.



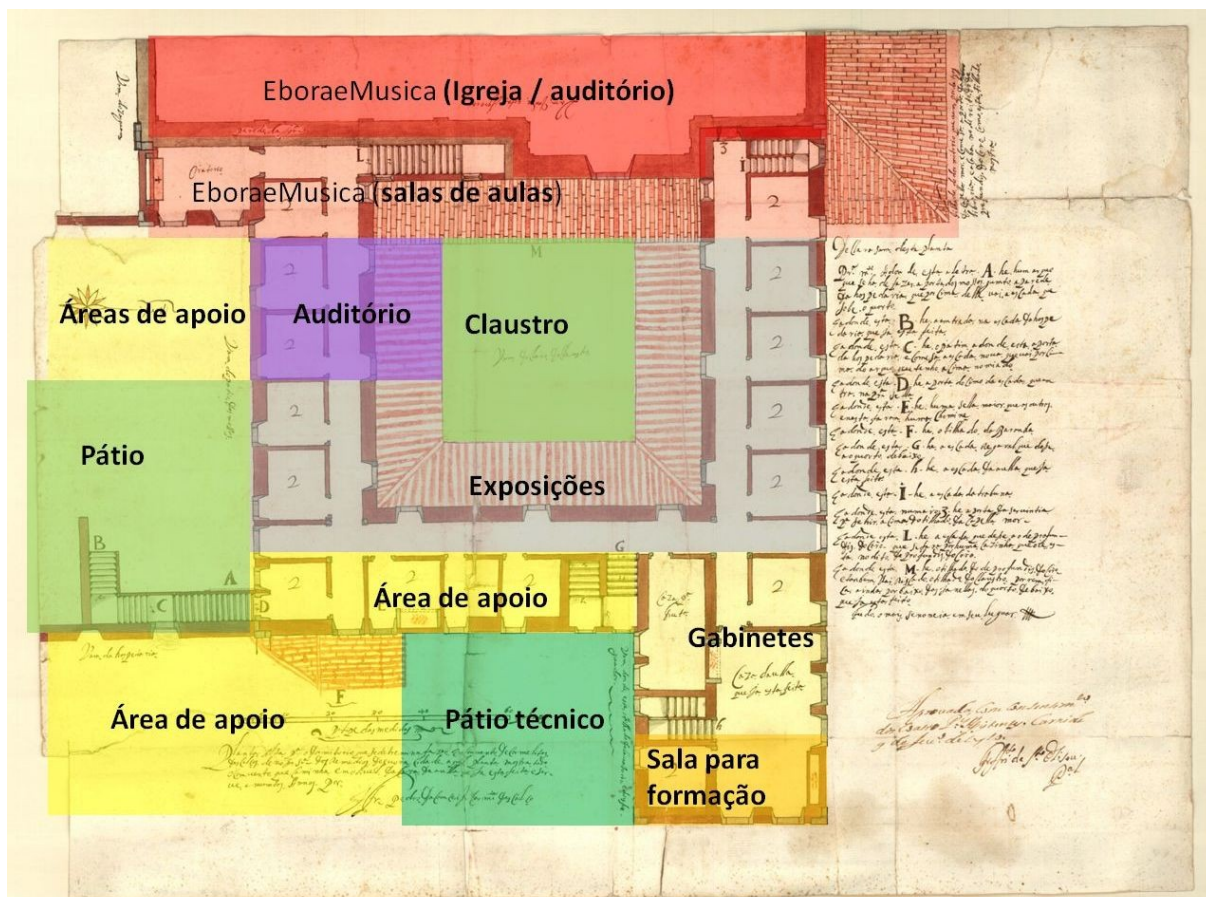


Fig. 5 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Sobre planta de 1719 zonamento por actividades à presente data.



Fig. 6 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Foto: A.F.E./C.M.E, segunda metade do séc. XX.



**Fig. 7 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Evento promovido por Eboraeusica na igreja do convento. Foto: Eboraeusica, 2008.**



**Fig. 8 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Pátio dos “moços”. Foto:A.F./ C.M.E., séc. XX.**



**Fig. 9 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Pátio das romãzeiras, antigo pátio dos “moços”.**



**Fig. 10 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Piso superior do edifício. Foto: A.F./C.M.E., séc. XX.**



**Fig. 11 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Piso superior do edifício hoje transformado em galeria para exposições.**



**Fig. 12 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Antiga sala “do estudo”, hoje sala de conferências e mapoteca.**



**Fig. 13** – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. *Claustro*. Foto: A.F./C.M.E, séc.XX.



**Fig. 14** – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. “Música no Claustro” evento da responsabilidade da Eboraeusica. Foto: Eboraeusivca, 2007.



**Fig. 15 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Foto: A.F./C.M.E., séc. XX.**



**Fig. 16 – Évora. Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Vista do conjunto.**